

*Movimiento internacional*

**Somos-Iglesia**

*Movimento Internazionale*

**Nós somos Igreja**

*Movimento Internazionale*

**Noi siamo Chiesa**

*Mouvement international*

**Nous sommes Eglise**

*Internationale Bewegung*

**Wir sind Kirche**

# **International Movement**

# **We are Church**

*Chair at present:*

**Raquel Mallavibarrena**

Penuelas 17

28005 Madrid

SPAIN

Tel.: +34 649332654

email: [rmallavi@mat.ucm.es](mailto:rmallavi@mat.ucm.es)

Internet: [www.we-are-church.org](http://www.we-are-church.org)

## **Comunicado do Movimento Internacional 'Nós Somos Igreja' Referente ao Relatório da Comissão de Inquérito sobre Abusos de Crianças na Irlanda (Relatório Ryan)**

**Este Relatório, apresentado ao público em finais de Maio de 2009, retrata um quadro de violência institucional sistémica e descreve um conjunto arrepiante de abuso emocional, físico e sexual de crianças internadas em instituições pertencentes a determinadas ordens religiosas, durante várias décadas**

O Relatório denuncia um sistema penal, financiado pelo Estado e administrado por Congregações Religiosas Irlandesas, ao abrigo do qual milhares de crianças irlandesas foram internadas, muitas das quais por pequenos delitos, durante períodos muito longos. Retrata um quadro de crueldade, a uma escala e intensidade impensáveis, que afectava crianças totalmente incapazes de lhe resistir.

### **Negação por parte de Congregações Religiosas**

O Relatório Ryan contraria a afirmação, muitas vezes repetida, de que os abusos eram perpetrados por indivíduos disfuncionais, por 'maçãs podres', pertencentes às instituições.

Apesar da negação manifestada pelas congregações religiosas implicadas, o Relatório torna claro que, em muitos casos, os seus membros estavam cientes da cultura de violência e brutalidade endémica que era praticada nessas instituições, e que uma cultura de silêncio e de ignorância voluntária permitia que continuasse. No caso da Ordem dos *Christian Brothers*, provas documentais, guardadas nos arquivos da própria Ordem em Roma, e que só tardiamente foram apresentadas aos inquiridores, confirma que a Ordem tinha conhecimento de queixas de abuso e violência, apresentadas ao longo de muitos anos.

O Relatório Ryan é muito crítico relativamente às congregações religiosas, com excepção da *Rosminian Order*, por 'não quererem assumir as suas responsabilidades pelos abusos' e por se colocarem na 'defensiva' face aos inquiridores. Tal foi particularmente notório na atitude adversa tomada pelas congregações, que contestaram as declarações das testemunhas, muitas das quais sofreram um processo de re-traumatização ao terem de descrever os abusos sofridos na infância.

A posição do *Rosminian Order*, pelo contrário, foi enaltecida pelo Juiz Ryan por terem ouvido, de uma forma não defensiva, as testemunhas, a fim de poder com elas aprender.

### **Reacções ao Relatório**

#### **1) Por parte dos Sobreviventes dos Abusos**

- Alguns sobreviventes acolheram bem o relatório e a confirmação da existência da crueldade e brutalidade, até agora negada pelas ordens religiosas. Sentiram-se justificados pois as suas histórias foram ouvidas e a Comissão acreditou neles.

- Outros apontam as limitações e as fraquezas do Relatório, no que diz respeito à responsabilização pelos abusos praticados. O Relatório protege a identidade dos abusadores dando-lhes pseudónimos, mesmo naqueles casos em que já foram julgados e condenados nos tribunais civis.

- Outros criticaram o enfoque unidimensional feito sobre o abuso físico, emocional e sexual no Relatório e o não reconhecimento do impacto dos abusos sobre a pessoa na sua totalidade, que um dos sobreviventes descreveu como 'o assassinato da alma.'

## 2) Por parte da opinião pública

A reacção da opinião pública ao (conteúdo do) Relatório foi de extrema indignação. Houve manifestações emocionais por parte de pessoas que faziam fila para assinar o livro que a Presidente da Câmara de Dublin colocou à disposição de quem quisesse manifestar a sua solidariedade para com os sobreviventes. Alastra a cólera face ao Acordo de Compensação que o governo irlandês da altura ajustou com as autoridades religiosas, em 2002, poucos dias antes da mudança de governo. Este Acordo, negociado pela Conferência dos Religiosos da Irlanda, em nome de 18 ordens religiosas, prevê que as despesas com as indemnizações financeiras a pagar aos sobreviventes sejam partilhadas com o Estado. No entanto, o contributo das ordens religiosas ficou-se pelos 127 milhões de Euros, uma grande parte do qual em bens imóveis. O governo concordou em pagar as despesas das ordens religiosas que fossem além daquele montante.

Sabe-se agora que o custo das indemnizações pagas ou a pagar aos sobreviventes deve ultrapassar os 1,3 biliões de Euros, ou seja mais de nove vezes o contributo das ordens.

O governo está a ser crescentemente pressionado, quer pública, quer politicamente, para renegociar este acordo, mas alega que não o pode fazer por razões jurídicas. As ordens religiosas estão a ser cada vez mais pressionadas para, voluntariamente, se disponibilizarem a aumentar o seu contributo. O Cardeal Arcebispo de Dublin e o Bispo de Killaloe já juntaram as suas vozes àqueles que pedem às ordens religiosas para reconsiderar o modo de enfrentar os sobreviventes, incluindo ao nível da compensação.

### **Comunicado à Imprensa**

#### **Comunicado do Movimento Internacional 'Nós Somos Igreja' referente ao Relatório Ryan, da Comissão de Inquérito sobre Abusos de Crianças na Irlanda**

O Movimento Internacional 'Nós Somos Igreja' acredita que a evidência do Relatório Ryan e a confirmação da recusa em aceitar a gravidade dos abusos praticados em crianças levanta questões fundamentais a colocar ao Estado, à Sociedade e à Igreja:

- Qual a razão do internamento de crianças nestas instituições penais, sem qualquer fundamentação legal?
- Qual a razão da atitude de "deferência e submissão do Estado" para com as Instituições da Igreja e da conivência com o abafar dos abusos institucionais?
- Qual a razão das reticências das Instituições e dos departamentos estatais à prestação de contas por parte das congregações religiosas? Será que os abusadores vão continuar a ser protegidos pelo Estado ou serão responsabilizados pelos seus actos?

#### **Questões a colocar à Igreja**

O Movimento Internacional Nós Somos Igreja acredita que as denúncias do Relatório Ryan clamam por reflexões críticas, no interior da Igreja, sobre uma cultura e práticas que permitem o florescimento dos abusos institucionalizados.

- 1) Na medida em que o abuso assenta num desejo de poder e controlo sobre as vítimas, a Igreja deve preocupar-se com o impacto dos rígidos sistemas de autoridade e estruturas de poder que nela subsistem.
- 2) A Igreja deve examinar a cultura da negação institucional e o silenciamento da verdade ao serviço da protecção da Igreja enquanto instituição.
- 3) A Igreja deve analisar qual o papel que desempenha no seu interior a repressão da sexualidade no despontar das expressões desviantes e distorcidas da sexualidade.

#### **Outra Igreja é Possível**

"Nós Somos Igreja" avança com uma outra Igreja Possível:

- Uma Igreja que proclama uma abordagem positiva da sexualidade.
- Uma Igreja promotora da igualdade e justiça entre géneros.
- Uma Igreja onde o celibato dos padres não seja obrigatório mas optativo.
- Uma Igreja cujas estruturas governativas assentem em princípios democráticos.
- Uma Igreja de Serviço que encare o ministério como serviço ao povo e não à instituição.
- Uma Igreja de Escuta que oiça a Palavra de Deus nas vidas das gentes.
- Uma Igreja Cristã que baseie os seus horizontes e a sua missão no Evangelho de Jesus Cristo.

O Relatório está disponível no endereço <http://www.rirb.ie/ryanreport.asp>.

Mais do que nunca devemos clarificar e fortalecer o que reclamamos a Roma.

Pretendemos levar a nossa igreja a tornar-se uma verdadeira igreja do nosso tempo, à luz da experiência existencial...

Nesta hora, queremos fazer ouvir as nossas vozes, à luz da experiência destes sistemas cruéis, previamente entendidos como “protecção”, tal como o Relatório denuncia.

Acima de tudo, as necessidades daqueles que sofreram nestas instituições devem ser compreendidas com generosidade e compaixão. As sociedades devem esclarecer por que razão tais abusos foram permitidos durante décadas, confrontando esse obscurantismo com a actual abertura de espírito. A falsa deferência concedida aos detentores de autoridade, que tanto tinham a esconder, deve ser banida para sempre.

**Please contact:**

Raquel Mallavibarrena (Chair)	(Spain)	+34 649332654	rmallavi@mat.ucm.es
Christian Weisner (Media)	(Germany)	+49 172-518 40 82	media@we-are-church.org
Edith Kuropatwa-Fèvre	(Belgium)	+32 2 56 70 964	ekf.paves@happymany.net
Sefa Amell i Comas	(Catalunya/Spain)		sefa.amell@menta.net
Enrique Orellana	(Chile)		somosiglesiachile@hotmail.com
Giovanni Politi	(Finland)	+358505290144	giovanni.politi@kolumbus.fi
Helen McCarthy	(Ireland)		wearechurchireland@eircom.net
Vittorio Bellavite	(Italy)	+39 02 70602370	vi.bel@iol.it
Aasmund Vik	(Norway)		aasmund.vik@nationaltheatret.no
Krister Janzon	(Sweden)		krister.janzon@comhem.se
Ana Vicente	(Portugal)	+351 91 935 97 96	anvicente@netcabo.pt
Aisha Taylor	(United States)		ataylor@womensordination.org

---

**International Movement We Are Church**

**Background Information**

The International Movement We Are Church, founded in Rome in 1996, is represented in more than twenty countries on all continents and is networking world-wide with similar-minded reform groups. We Are Church is an international movement within the Roman-Catholic Church and aims at renewal on the basis of the Second Vatican Council (1962-1965). We Are Church was started in Austria in 1995 with a church referendum.